

SOBRE A CONFIANÇA EM *TOTALSCHADEN*, DE QUE DU LUU

Dionei MATHIAS¹

Resumo: *O romance Totalschaden ('Perda total'), escrito por Que Du Luu, foi publicado em 2006. Já no ano seguinte, a autora, de origem chinesa que escreve em língua alemã, recebe o prêmio Adelbert-von-Chamisso, um importante reconhecimento concedido a autores que transitam entre diferentes culturas. Este artigo pretende analisar o romance mencionado, tendo como foco a questão da confiança. Nisso serão analisados três relacionamentos importantes: (1) o papel da figura materna para a construção de confiança, (2) a configuração de relacionamentos de amizade entre pares e, por fim, (3) o começo de um relacionamento amoroso. Nos três casos, a confiança se revela como narrativa que exige um investimento substancial de energia, a fim de obter êxito e permitir interações satisfatórias. A discussão teórica sobre a confiança está baseada nas contribuições oriundas de estudos sociológicos e psicológicos.*

Palavras-chave: *Que Du Luu, Totalschaden, Confiança.*

Abstract: *The novel Totalschaden written by Que Du Luu was published in 2006. In the following year, the author, of Chinese origin writing in German, was awarded the Adelbert-von-Chamisso-Prize, an important prize granted to writers who transit between different cultures. This article aims to analyse the novel just mentioned, focussing on the question of trust. To this purpose, three important relationships will be examined: (1) the role of the mother character for the construction of trust, (2) the configuration of friendship relationships between peers and, at last, (3) the beginning of a love relationship. In all three cases, trust turns out to be a narrative, which demands a substantial investment of energy, in order to be successful and allow satisfactory interactions. The theoretical discussion about trust is based on the contributions, coming from sociological and psychological studies.*

Keywords: *Que Du Luu, Totalschaden, Trust.*

Recebido em 20-08-2017

Aceito em 14-09-2017

¹ Professor Adjunto no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM. Doutor em Letras, respectivamente, pela Universidade de Hamburgo| Alemanha e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Introdução

Que Du Luu é uma autora de origem chinesa, nascida no Vietnã em 1973, que escreve em língua alemã. Seus pais fugiram da guerra no Vietnã, passaram um ano num campo de refugiados na Tailândia e emigraram, por fim, para a Alemanha. Nesse país, Que Du Luu cresceu e se formou em Germanística e Filosofia. Em 2006, publicou seu primeiro romance, *Totalschaden* ('Perda total', sem tradução para o português) pela editora Reclam, uma editora com foco na publicação do cânone da literatura de expressão alemã. Já no ano seguinte, em 2007, ela recebe o prêmio Adelbert-von-Chamisso, que se concentra no trabalho de autores com afiliações multiculturais. Que Du Luu, nesse aspecto, apresenta um pertencimento triplo, o que a predispõe, de certo modo, para a discussão de problemas que surgem no encontro intercultural.

O romance a ser discutido neste artigo, contudo, não explicita a problemática em torno dos conflitos e das dificuldades que afloram quando sujeitos pertencentes a culturas diferentes se encontram. Na verdade, a afiliação cultural dos protagonistas não é abordada. Em seu lugar, a autora cria personagens, cujos caminhos confluem, forçando cada um deles a negociar sua visão de mundo e seus signos de identidade, sem colocar seu pertencimento cultural no centro do interesse. Essa estratégia é adotada por muitos escritores que, de alguma forma, estão envolvidos com a literatura Chamisso, isto é o receptor do Prêmio Adelbert-von-Chamisso e que tem algum elo multicultural, dentre eles, Selim Özdoğan, Magdalena Sadlon, Zafer Şenocak ou Zsuzsa Bánk. No lugar de uma dicotomização cultural, que por vezes simplifica demasiadamente a real confluência biográfico-narrativa, Que Du

Luu discute questões que parecem transcender a socialização cultural, concentrando-se em elementos chave da condição humana, neste caso específico, na questão da confiança e suas implicações para as interações e para a concretização de projetos de identidade.

O título do romance, *Totalschaden*, funciona como uma metáfora. Sua origem imagética provém do campo automotivo, isto é, 'Perda total'. Um movimento que a autora prevê ao escolher esse título, portanto, é forçar os leitores a se perguntarem sobre o que sofreu uma perda total. O enredo gira em torno de um jovem rapaz chamado Patrick, cujo pai morre num acidente, ocasionado pela mãe que está mentalmente enferma. Tudo isso, o leitor descobre a partir de uma analepse. No presente narrativo, o protagonista já é um jovem adulto, que se distanciou da mãe, e apresenta grandes dificuldades na construção de relacionamentos. Num primeiro momento, o texto sugere que a perda total se refere à sanidade mental da mãe e, possivelmente, também a do filho. Ao longo do texto, a filigrana das interações, contudo, indica que a grande perda está relacionada à confiança. É com foco na perda e na construção da confiança que este artigo vai abordar o romance de Que Du Luu.

Toda interação humana demanda um mínimo de confiança (WELCH et alia, 2005, p. 453). Do contrário, todo movimento de aproximação estaria paralisado por conta do medo de um possível perigo. No processo de cada interação, os sujeitos envolvidos vão medindo o grau de confiança que podem conferir a seus interlocutores. Com isso, surge uma diversidade de configurações interacionais que se caracterizam por um maior ou menor grau de abertura e permissão para adentrar esferas mais íntimas. Esferas, neste contexto, precisam ser entendidas como metáfora para um conjunto de informações que concernem à identidade

do indivíduo, ou seja, o grau de confiança vai aumentando, conforme os interlocutores vão permitindo que outro tenha acesso a informações de seu universo pessoal. Nisso, a administração do processo de distribuição de informação está estreitamente ligada à manutenção e à obtenção de poder. Quanto mais informação o sujeito obtiver e quanto menos distribuir, mais vantagens terá na lógica próprio da balança do poder.

Confiança, até certo ponto, significa renunciar a esse princípio de administração do discurso com fim da manutenção de vantagem, para imergir em outro modo de interação, baseado no desejo de inserir o outro em formatações discursivas reservadas a interlocutores específicos. De acordo com Messick e Kramer (2001, p. 89), confiar significa renunciar ao poder sobre o resultado. Isso implica uma configuração de emissão e recepção de signos que permite delegar a responsabilidade sobre as consequências da interação ao outro, sem constantemente ativar mecanismos de vigilância e precaução. Com isso, o grau de confiança que surge entre dois ou mais interlocutores parece oscilar entre vigilância e antecipação mental de possíveis resultados, por um lado, e por outro a certeza de que a forma como os signos desse processo de comunicação serão administrados não terá consequências negativas ou indesejadas para a encenação de identidade do sujeito que confia (TANNIS/POSTMES, 2006, p. 415).

No processo de negociação que acontece entre dois ou mais indivíduos ao definirem o grau de confiança que podem empregar e esperar, há uma convenção tática que reside na reciprocidade do pacto de confiança. Isto é, a questão do poder não estará suficientemente resolvida se algum dos participantes do pacto não estiver disposto a contribuir com informações e administrar com responsabilidade os dados obtidos. Responsabili-

dade, neste contexto, significa administrar as informações de modo a não desencadear sequências de acontecimentos ou ações indesejadas no projeto de identidade daquele que depositou sua confiança em alguém (TANNIS/POSTMES, 2006, p. 415). Essa reciprocidade acaba sendo mais acentuada em grupos, cuja identidade social é mais desenvolvida, começando pela família, passando pelos grupos de amigos e incluindo as diversas agremiações, às quais o sujeito ou por afinidade ou por necessidade acaba pertencendo.

O desenvolvimento da confiança, portanto, tem um impacto substancial sobre a formação de capital social. Para Hearn (1997, p. 97), capital social significa a prática de cooperação que permite pessoas trabalharem em conjunto para alcançar objetivos que têm em comum. Justamente essa prática de cooperação só pode surgir e medrar onde impera a confiança. Sabidamente capital social não precisa automaticamente estar atrelado à confiança. É possível, por exemplo, ter um grande número de amigos ou seguidores nas mídias sociais, sem que um grau muito acentuado de confiança esteja em jogo. Esse tipo de capital social obviamente também tem uma repercussão significativa para os projetos pessoais e sociais de cada indivíduo. Aquele capital social que envolve confiança, contudo, parece contribuir enormemente para projetos pessoais de identidade e, sobretudo, para o desenvolvimento de uma autopercepção centrada na autoestima. São os interlocutores de confiança que, no processo de negociação de signos identitários, auxiliam o sujeito a criar uma narrativa pessoal arraigada no princípio do pertencimento e da aceitação. São eles que, no momento de fragilização social e existencial, estão dispostos a amortecer o impacto da queda e auxiliar na fase de reestabilização.

No romance de Que Du Luu, a questão da confiança e, com ela, as configurações de interação social parecem ter grande relevância. Nesse sentido, o objetivo deste artigo reside em discutir o papel da confiança em três relacionamentos basilares do protagonista: (1) o papel da figura materna para a construção de tessituras de confiança, (2) a construção de um relacionamento de amizade com um sujeito do grupo de pares e, por fim, (3) a concretização de um relacionamento amoroso. Nas três configurações, a confiança se revela como fenômeno de grande fragilidade que demanda um alto investimento discursivo, a fim de garantir uma negociação satisfatória.

A figura materna na construção de tessituras de confiança

A voz narrativa dá início ao romance, relatando sobre o acidente e a morte de seu pai. O leitor descobre que o acidente foi causado pela mãe, que, durante uma viagem de carro, tem um acesso de alucinação, o que a faz colocar a mão no volante para desviar o carro de algo que imagina ver. O pai vem a falecer e a mãe acaba internada numa clínica psiquiátrica, enquanto o filho, ou seja a voz narrativa, passa a viver na casa de uma tia. Em grande parte do texto, a voz narrativa discute seu relacionamento com a figura materna na primeira infância, seu distanciamento dela na fase subsequente e sua necessidade de reaproximação no presente narrativo. De certa forma, o narrador se encontra atribulado pela interrupção da tessitura narrativa entre ele e sua mãe. Com isso, boa parte

da motivação narrativa provém do desejo de desfazer esse hiato.

A morte do pai definitivamente representa uma experiência traumática para o narrador. Mais difícil do que processar esse acontecimento, contudo, é compreender o comportamento materno, o que causa muita confusão no universo pessoal do filho.

Minha mãe falava comigo como com um adulto. Certa vez ela disse que se sentia tão “ambivalente”. Eu lhe perguntei que isso significava, e ela respondeu que era como se uma pessoa quisesse ir ao mesmo para a direita e para a esquerda. Para a direita e para a esquerda ao mesmo tempo? Eu perguntei: “Por que? Você também pode ir primeiro para a direita e depois para a esquerda.” Mas ela só disse desencorajada: “Você é tolo como todas as outras crianças.” Eu não chorava quando ela me dizia isso. Essa frase eu ouvia com frequência e, quando a gente se acostuma a algo, isso simplesmente faz parte (LUU, 2008, p. 9, todas as traduções são do autor deste artigo)².

No processo de socialização a apropriação de realidade da primeira infância, o narrador é confrontado com situações que não consegue processar. Nisso, a mais importante pessoa de referência, que é a mãe, o desconcerta com informações, cujo teor desencadeia uma desestabilização das certezas sobre o mundo. Isto é, no lugar da figura materna estabelecer o princípio da confiança sobre a realidade e sobre aquilo que se diz sobre o mundo, ela fragiliza essa segurança, que ainda se encontra em processo de formação. Ao dirigir-se à criança

² “Meine Mutter redete mit mir wie mit einem Erwachsenen. Einmal sagte sie, sie würde sich so ‚ambivalent‘ fühlen. Ich fragte sie, was das bedeute, und sie antwortete, es sei, wie wenn man gleichzeitig nach rechts und links laufen wolle. Gleichzeitig nach rechts und nach links? Ich

fragte: ‚Wieso? Du kannst doch auch zuerst nach rechts und dann nach links laufen‘. Aber sie sagte nur entmutigt: ‚Du bist dumm wie andere Kinder‘. Ich heulte nicht, wenn sie mir das sagte. Diesen Satz hörte ich ständig, und wenn man sich an etwas gewöhnt hat, gehört es einfach dazu“.

como se fosse um adulto, ela opta por ignorar que os mecanismos cognitivos e as necessidades afetivas são outras, causando estranhamento no narrador. Isso também se dá quando utiliza palavras, cujo significado se encontra fora do alcance de compreensão dele, deixando-o numa situação de impotência. Ademais, ela o confronta com conteúdos que definitivamente estão além de sua capacidade de processamento. Com efeito, as imagens que a figura materna utiliza para descrever a sensação que experimenta são bastante concretas, mas sumamente difíceis de serem cognitivamente assimiladas por uma criança. No lugar de oferecer alternativas para que a criança pudesse compreender o que está acontecendo, ela também questiona seu potencial intelectual, criando com isso mais uma ruptura que impede um relacionamento de aproximação e confiança. De fato, o que caracteriza essa e outras passagens sobre a infância do narrador é uma atmosfera de grande instabilidade, produzindo um processo de socialização no marco do desconcerto e da incerteza.

Ao longo da narrativa o leitor descobre que, após o acidente que vitima o pai, a mãe do narrador é internada numa clínica psiquiátrica, enquanto ele passa a viver na casa de uma tia. As experiências sociais, especialmente no cerne da família, vão definir, em grande parte, suas habilidades de interação e, sobretudo, também suas dificuldades de construir laços afetivos. Se for verdade que para uma interação básica o sujeito já precisa organizar um investimento substancial de confiança, para que esta seja satisfatória, então o grau de confiança necessário para a construção de laços afetivos é consideravelmente maior.

Dada a precariedade de sua formação nesse conhecimento humano-afetivo relacionado à confiança, ele revela grandes dificuldades para envolver-se com interlocutores, em geral, mas também com aqueles que possivelmente permitiriam a criação de uma tessitura afetiva.

Isso vale especialmente para a figura materna, cuja alteridade desperta seu temor e muita insegurança. O que resulta disso é um processo de estranhamento que produz um afastamento completo:

Há uma semana estava gripado. Quando dormia, sonhava com coisas confusas: com árvores nodosas que me perseguiam e com teclas quebradas de telefone. E quando estava acordado, ficava deitado na cama, olhava fixamente para o quarto obscuro e não conseguir parar de pensar. Eu sabia que minha mãe há anos vivia em “Sonnenhof”, uma instituição em Bethel. De lá que sempre vinham os telefonemas quando ainda morava com a família Willmer. Será que ela ficou ainda mais demente? Será que ela ainda via o maldito Einstein? (LUU, 2008, p. 20)³.

A ausência de confiança acaba refletindo também sobre seu corpo. Os sonhos confusos, com sequências de perseguição, parecem indicar que o passado adentra o presente em forma de figuração inconsciente da dor. Por mais que o narrador não tenha mais contato com a mãe, ele não consegue se desfazer desse passado. Nisso, o corpo e seus desassossegos retomam a ausência de confiança, impedindo que descanse e canalize sua energia para outras finalidades. Isto é, o

³ “Ich hatte seit einer Woche Grippe. Wenn ich schlief, träumte ich nur wirres Zeug: von knorrigen Bäumen, die mir hinterherrannen, und von kaputten Telefontasten. Und wenn ich wach war, lag ich im Bett, starrte ins düstere Zimmer und konnte nicht aufhören zu denken. Ich wusste,

dass meine Mutter seit Jahren im ‚Sonnenhof‘, einer Einrichtung in Bethel, lebte. Von dort waren immer die Anrufe gekommen, als ich noch bei den Willmers gewohnt hatte. War sie noch verrückter geworden? Sah sie immer noch den verdammten Einstein?”

sujeito consciente não aprendeu a confiar, daí que também o corpo como entidade visceral tampouco parece ter êxito nesse empreendimento. De certo modo, o corpo exige que a questão seja resolvida, a fim de confiar e, com isso, permitir que o sujeito volte a investir sua energia anímica em outros projetos identitários. Em determinado momento, o narrador escreve: “Se gente embrulhar suficientemente bem as nossas lembranças, então talvez elas nunca encham de pó, eu pensei. A gente só percebe quão frescas ainda estão, quando as desembalamos novamente” (LUU, 2008, p. 118)⁴. As experiências do passado traumático vivido junto à mãe deixam marcas no aparato psíquico do filho e, mesmo depois de 14 anos sem ver a mãe, a intensidade do desconcerto permanece a mesma.

Mais que a própria razão consciente, é o corpo ou o inconsciente que o impele a buscar soluções para seus desassossegos. O que desencadeia essa força motriz inconsciente é o desejo de confiança e de solução para os questionamentos que o atribulam, a fim de poder iniciar uma nova fase em sua vida. Sem passar pelo processo de simbolização da consciência, esse desejo se manifesta no sonho, mas também nas saídas noturnas de bicicleta que acabam levando o narrador à clínica psiquiátrica onde se encontra sua mãe (LUU, 2008, p. 89 e p. 115), culminando em tentativas de observá-la à distância por meio de binóculos (LUU, 2008, p. 122). Aquilo que a voz narrativa conseguiu silenciar por catorze anos, irrompe com tamanha força, que exige do sujeito um acerto de contas (LUU, 2008, p. 146).

De fato, as observações à distância acabam, sem que a voz narrativa planeje isso concretamente, num encontro entre mãe e filho. Nisso, a tranquilidade indicada pelo narrador mostra que o

corpo visceral considera a ressignificação do passado como acerto. O processo de reaproximação, contudo, se revela como sumamente frágil e conflituoso. Ambos retomam uma narrativa de negociação interrompida há muito tempo, deixando-os desamparados no que concerne ao modo como devem entrelaçar suas falas. A mãe novamente o considera tolo e incapaz de compreender o que está acontecendo com ela (LUU, 2008, p. 214) e ele volta a negar-lhe o direito da maternidade, afirmando que não é sua mãe (LUU, 2008, p. 223). Com isso, ambos mantêm um comportamento frente ao princípio de confiança que os separou um período considerável de tempo. A mudança na organização pessoal desse discurso se dá quando ela afirma que, apesar de tudo permanece sua mãe, e quando ele, apesar de todo o desconforto, a convida para comer num restaurante. Desse espaço, os dois saem modificados, isto é, com outra atitude diante da vida (LUU, 2008, p. 231). De certa forma, os dois renunciaram às práticas de poder, às quais estavam habituados, para de modo recíproco firmarem um pacto de confiança, ou seja, se dispuseram a simplesmente confiar no outro, sem avaliar os resultados dessa conversa. O se concretiza a partir desse encontro é a formação de um capital social que vai permitir que o narrador tenha energia para resolver outros conflitos que caracterizam sua existência.

Confiança em relacionamentos de amizade

Como a primeira socialização do narrador no cerne de sua família é bastante problemática, ele acaba também apresentando dificuldades nos círculos

⁴ “Wenn man seine Erinnerungen nur gut verpackt, vielleicht verstauben sie dann nie,

dachte ich. Man merkt erst, wie frisch sie immer noch sind, wenn man sie wieder auspackt“.

sociais seguintes. Muito provavelmente a fragilização da tessitura de confiança com os membros de sua família, em primeiro lugar, produz uma visão de mundo que não lhe permite desenvolver uma imagem própria de autoconfiança que estimule tentativas de aproximação aos outros ou a criação de laços que permitam narrativas de pertencimento mais sólidas. Instalado em seu crivo de apropriação de realidade, há uma clara predominância da necessidade de desconfiar. Com isso, há uma repetição do princípio de exclusão vivenciado em casa. Do mesmo como ele não pertence completamente ao universo materno, ele tampouco apresenta experiências robustas de inclusão na escola e, com isso, entre seus pares. A sensação de pertencimento passa necessariamente pela construção de laços de confiança. Para isso, o sujeito precisa desenvolver uma série de estratégias de receptividade e investimento de energia emocional canalizada com o objetivo de reconhecer interesses similares e interpretações de realidade comuns.

Com efeito, o narrador se caracteriza como *outsider* no seu ambiente escolar (LUU, 2008, p. 85). Seus relacionamentos de amizade se restringem a uma exceção, a saber um amigo, com o codinome Tomate, que se assemelha a ele no tocante a estratégias de interação social. Essa amizade é de longa duração e adentra o presente narrativo, em que o narrador já alcançou maioridade. Ao reconhecerem suas semelhanças e construir um horizonte comum com base nessa percepção, eles estabelecem uma série de comportamentos que possibilita proteção social mútua e apoio emocional em situações de maior estresse. A frequência das atividades comuns e das chamadas telefônicas nos mais variados ho-

rários reforça a sensação de que há alguém com quem podem contar, diante dos diversos desafios de legitimação social e, sobretudo, no árduo processo de definição da narrativa de pertencimento. Quando o narrador se vê assombrado pelas memórias do passado, sem saber muito bem como administrá-las e encontrar um rumo em sua existência, ele se dirige a seu amigo Tomate, a fim de obter não somente o respaldo emocional num momento que exige muito empenho da energia anímica, mas também para conselhos práticos de como agir nessa situação que está além daquilo que o narrador pode processar cognitivamente.

Uma mudança radical se dá quando Tomate anuncia que tem uma namorada, desequilibrando com isso o princípio da lealdade entre os dois parceiros: “Na vida de Tomate as coisas iam pra frente. Ele tinha um diploma universitário e agora até mesmo uma namorada. Na minha, pelo contrário, havia um retrocesso de catorze anos – de volta para minha mãe e seu Einstein” (LUU, 2008, p. 31)⁵. Em parcelas substanciais do enredo, a voz narrativa procura processar essa informação e inseri-la em seu universo pessoal. Esse processo de inserção inclui primeiramente acostumar-se à ideia de que agora não são mais somente os dois, cujas ações e reações precisam ser previstas nas interações. A presença desse terceiro interlocutor os força a rever uma série de sequências interacionais e de expectativas, desconstruindo com isso parâmetros que facilitavam sua comunicação e que lhes forneciam uma clara sensação de pertencimento. Assim, as ligações realizadas e recebidas a qualquer horário do dia e da noite repentinamente precisam ser moderadas, dada a

⁵ “In Tomates Leben ging es also voran. Er hatte einen Hochschulabschluss und nun sogar eine Freundin. In meinem Leben dagegen gab es

einen Sprung um vierzehn Jahre zurück – zu meiner Mutter und ihrem Einstein“.

presença da namorada de Tomate, causando constrangimento, mas, sobretudo, um processo palpável de estranhamento.

O exemplo das ligações representa um de vários rituais que precisam ser redefinidos, diante da nova configuração social do amigo. Assim, a troca de presentes na festa de Natal, sempre ritualisticamente planejada, acaba sendo modificada, na verdade, adiantada nas festividades natalinas do presente narrativo. O narrador, que havia contado passar as festas com o amigo, evitando com isso a solidão e mantendo a segurança de interações de longa duração, acaba sendo confrontado com a notícia de que o amigo vai passar o Natal com sua namorada em Paris (LUU, 2008, p. 45). Apesar do convite que este faz ao narrador de participar da viagem e de comemorar com eles na capital francesa, obviamente há uma clara ruptura, com um movimento de transição para uma nova organização discursiva em suas relações. Essa ruptura não é amenizada com as tentativas afetuosas por parte de todos os interlocutores de inserir o outro em seus universos pessoais.

O surgimento da namorada de Tomate como terceiro interlocutor no relacionamento de amizade entre ele e o narrador ilustra, em parte, de modo bastante jocoso, a fragilidade da confiança tanto no seu aspecto físico emocional como também em sua organização linguística discursiva. A confiança, que por anos representou a base de uma amizade de proteção mútua, repentinamente perde sua solidez. A negociação, que até esse momento na verdade se restringia a confirmar os signos já delineados de confiança, se vê confrontada com um aspecto não previsto anteriormente, exigindo dos dois amigos uma nova negociação, na sua natureza mais brutal e imperativa. Desse modo, ambos precisam reorganizar a concepção de suas narrativas. Os signos, há pouco ainda aparentemente

estáveis, revelam sua instabilidade, desestruturando a formação discursiva ilusoriamente sólida, o que o sujeito aprende fisicamente por meio das atribuições emocionais que o acometem diante da nova organização social.

Ao mesmo tempo que há um movimento de afastamento desse primeiro e importante relacionamento de amizade, há uma aproximação a uma nova configuração de confiança com um personagem masculino, namorado da vizinha do protagonista narrador e irmão de sua futura namorada (LUU, 2008, p. 109). O encontro entre os dois rapazes é produto de uma série de acontecimentos casuais. Num acesso de furor emocional, o narrador havia arrancado um pôster com a imagem de Einstein no apartamento de sua vizinha. O leitor sabe que a imagem desperta memórias extremamente dolorosas no narrador, já que foi a visão de Einstein que levou a mãe causar o acidente que matou seu pai. A vizinha, contudo, se enfurece com esse atrevimento e induz o namorado a ir ao apartamento do narrador para exigir explicações. No lugar de altercações acompanhadas de hostilidades, a fim de demarcar o espaço dos rivais, os dois iniciam uma conversa à mesa.

O movimento dessa relação de amizade se revela como simetricamente oposto àquilo que acontece paralelamente com o amigo de infância. Se, neste caso, a confiança de muitos anos começa a ruir paulatinamente, naquele se mostra como a confiança começa a surgir a partir de diversas negociações que vão acontecendo a partir dessa primeira conversa. Isso envolve, primeiramente, a distribuição de informações pertencentes aos mais variados graus de intimidade, tendo início com o intercâmbio de dados bastante superficiais e de cunho geral, sem envolver questões que possam desestabilizar o mapa de poder. Aos poucos, com o avanço da estabilidade do relacionamento de amizade, tanto o narrador

como seu novo amigo se mostram dispostos a introduzir informações mais delicadas e que apresentam um potencial substancial de macular a imagem ou o projeto de identidade que cada um tenta defender em suas negociações.

O narrador, por exemplo, aborda questões relacionadas à sua mãe, mencionando não somente sua loucura, mas também sua incapacidade de resolver seus problemas com o passado e construir relacionamentos amorosos para o futuro. A menção da loucura materna, dos conflitos com o passado e, sobretudo, da solidão erótica contém um potencial elevado de serem considerados como estigma, desestabilizando, portanto, a balança do poder. O amigo, por sua vez, relata dificuldades na universidade e problemas com a atual namorada, a qual acaba abandonando-o para ficar com o galã do prédio. Em ambos os casos, os interlocutores estão dispostos a renunciar a um tipo de interação pautado na aquisição e manutenção de poder, para expor uma narração de identidade que definitivamente apresenta aspectos possivelmente considerados menos dignos de representação. Nessa exposição de signos identitários pertencentes a esferas mais reservadas da identidade, surge a tessitura da confiança. Esta permite que ambos obtenham o apoio emocional necessário para alcançar satisfação existencial.

Confiança no relacionamento amoroso

Diante da fragilidade da tessitura de confiança no universo pessoal da voz narrativa, o desenvolvimento de um relacionamento amoroso acaba sendo tardio e bastante problemático. Para uma aproximação não conflituosa a esse tipo de configuração social e de administração do corpo, ele teria que encontrar-se num

estado emocional sintonizado para canalizar sua energia anímica em direção à captação e leitura dos signos específicos nessa forma de comunicação. Sua energia, contudo, se vê consumida por um passado doloroso relacionado às enfermidades mentais da mãe e por um processo dificultoso de socialização com os pares no contexto da escola, tudo isso fruto de um aparato de confiança sumamente fragilizado que o relega à solidão (LUU, 2008, p. 80).

A reestruturação de seus nexos sociais também traz mudanças na sua vida amorosa. Com efeito, o fato do narrador procurar restabelecer o contato com sua mãe, reatando com isso a tessitura de confiança com uma figura elementar de sua existência, e ter êxito no processo de reconfiguração de laços de amizade, criando confiança com um novo ator social, explicita uma mudança fundamental no modo como organiza sua visão de mundo. Ele estendeu seu conhecimento emocional, com isso, também alargou sua habilidade de confiar. Com base nesse aprendizado sobre estratégias de obtenção e manutenção de confiança, o narrador alcança a energia necessária para iniciar o processo de negociação no âmbito no amor, sintonizando corpo e alma para a captação desses novos signos. A confiança, portanto, parece ser a base não somente para a decodificação dessa linguagem do amor, ela também se revela imprescindível para a produção de sentidos a serem transmitidos ao ator social amorosamente desejado.

De fato, o novo amigo introduz no universo social do narrador uma nova pessoa, a saber, sua irmã Barbara. Isso não acontece por acaso, pelo contrário, a introdução é precedida por negociações de confiança entre os dois rapazes, em que o narrador expõe suas dificuldades e revela seu desejo de relacionamento, incluindo também informações sobre as dificuldades com a figura materna. Justamente a mãe acaba construindo uma

ponte entre a voz narrativa e Barbara, pois esta trabalha na clínica, em que a mãe está internada. O desejo de obter mais informações sobre ela tem por resultado a aproximação a uma personagem feminina, o que lhe causa tanto desconforto.

Essa aproximação, contudo, é bastante conflituosa, uma vez que Barbara representa dois papéis sociais importantes para o narrador. Trata-se de uma profissional da saúde, da qual deseja obter informações e orientação sobre o estado de sua mãe, ao mesmo tempo, também é alguém que desperta seu desejo, tornando-se com isso um outro significativo. Problemático, nesse contexto, é o fato de que a negociação de signos de identidade se desenvolve em duas frentes importantes, mas que dificultam o progresso uma da outra, especialmente da segunda que aborda a questão amorosa. Assim, ao identificar seu interesse amoroso por Barbara, o narrador começa a se preocupar com o impacto que a narração estigmatizada em volta de sua mãe e, sobretudo, acerca das próprias dificuldades para administrar o passado pode ter no horizonte de percepção da mulher que desperta seu interesse. Dessa preocupação surge um estado de insegurança que, por sua vez, dificulta a aproximação a Barbara. Mais uma vez, o que está em jogo aqui é a confiança tanto em si próprio, como na parceira da interação. Esse processo, como nas configurações sociais anteriormente analisadas, também aqui se revela penoso e bastante difícil. Novamente o narrador se vê confrontado com a necessidade de organizar estratégias anímicas e discursivas para assimilar e retribuir os signos necessários para a tessitura de confiança, abdicando do desejo de controlar o resultado dessa interação.

A estratégia que a voz narrativa utiliza para suportar o desconforto da aproximação e para criar primeiros laços de confiança gira está baseada na cultura

de refeições. A comida, seu preparo e sua ingestão surgem no universo diegético como uma espécie de leitmotiv, retornando em diversos momentos quando a voz narrativa se vê confrontada com o problema da confiança. As refeições e a comida têm um papel importante para a instauração da nova amizade, como plataforma de aproximação entre mãe e filho, por fim, também se mostram igualmente relevantes para o início da narrativa de amor entre o narrador e Barbara. Assim, a ideia por parte do irmão de Barbara de ligar para ela para obter informações sobre o estado de saúde da mãe e também de convidá-la para comer algo acontece enquanto os dois estão sentados à mesa do apartamento do narrador, comendo algo. O narrador se vê diante de uma ideia que causa temor em seu horizonte pessoal, contudo, a prática da ingestão de alimentos parece amenizar o desconforto e auxiliá-lo a suportar a gênese da ideia. O bem-estar e todo o campo de sentidos com conotações positivas associados ao ato de comer permitem que a ideia de mudança em sua vida comece a se arraigar em sua consciência, representando com isso um passo importante em direção à ação. Quando o narrador, de fato, encontra Barbara, muitas interações e diálogos acontecem em volta da mesa ou comendo. Esse é o caso também, quando Barbara o leva à clínica psiquiátrica para ver a mãe às escondidas. Antes de realmente partir para vê-la, os dois comem algo e o narrador se emociona com o fato de ela antecipar sua preferência no tocante à sequência de pratos (LUU, 2008, p. 137). Uma última vez a comida volta a ter destaque na ceia de Natal, quando o narrador, Barbara e o irmão dela se reúnem para festejar a data cozinhando. Para a voz narrativa, o início da narrativa amorosa é um processo que envolve uma série de receios e medos. A comida, com seus processos irracionais e viscerais, proporciona um bem-estar que auxilia no processo de transformação dos

medos em potenciais acionais tornados simbolicamente conscientes.

Considerações finais

Se, no início do romance, o título ainda sugere de forma jocosa que a perda total se refere à sanidade mental tanto da mãe como também do filho narrador, ao final, ele assume um tom de autoironia. De fato, houve uma perda considerável da sanidade e também da confiança entre diversos atores sociais do universo diegético, mas ao mesmo tempo, os personagens aprenderam, ao longo do desenvolvimento da trama, como administrar essas perdas e, sobretudo, a desenvolver estratégias para reconstruir uma base de interação que permita uma imaginação de futuro mais satisfatória. O final do romance não resolve todos os conflitos - a mãe, por exemplo, permanece mentalmente enferma -, mas houve um processo de enfrentamento de dificuldades não mais no marco da negação, mas sim de sua conscientização.

Nisso, o protagonista aprende a confiar. Com efeito, é a ausência de confiança que caracteriza suas memórias do passado diegético, enquanto, em seu presente narrativo, ele desenvolve diversas estratégias para dar início a uma narrativa de confiança em sua mãe, em seu novo amigo e na mulher que desperta seu interesse amoroso. Que Du Luu não menciona em nenhum momento a questão do estrangeiro e suas formas de interação com o novo espaço social, mas o desejo e a necessidade de confiar não será diferente nessa configuração social. O que surge da concatenação narrativa empreendida nesse romance é a imagem da extrema fragilidade inerente ao ato de confiar e, com isso, de compartilhar com outro a administração do próprio projeto de identidade.

Referências

- HEARN, Frank. **Moral Order and Social Disorder: The American Search for Civil Society**. New York: Aldine de Gruyter, 1997.
- LUU, Que du. **Totalschaden**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2008.
- MESSICK, D. M.; KRAMER, R.M. “Trust as a form of shallow morality”. IN: K. S. Cook (Ed.). **Trust in society**. New York: Russel Sage Foundation, 2001, p 89–117.
- TANIS, Martin; POSTMES, Tom. “A social identity approach to trust: Interpersonal perception, group membership and trusting behaviour”. IN: **European Journal of Social Psychology**, 35, 2006, p. 413–424.
- WELCH, Michael R.; RIVERA, Roberto E. N.; CONWAY, Brian P.; YONKOSKI, Jennifer; LUPTON, Paul M.; GIANCOLA, Russell. “Determinants and Consequences of Social Trust”. IN: **Sociological Inquiry**, 75 (4), 2005, p. 453-473.